

A CORRESPONDÊNCIA

Ligou o interruptor de luz e adentrou numa ampla sala com varanda envidraçada. Observou um ambiente despretensioso em termos de decoração: num dos extremos, uma mesa e quatro cadeiras, uma pintura abstrata sem moldura, afixada na parede atrás do móvel; na outra extremidade, um pequeno sofá ladeado por duas cadeiras e uma mesinha sobre a qual se destacava um vaso de cerâmica antiga. A amplitude da sala e o ar confinado naquele espaço a fez sentir-se mal, desamparada. Dirigiu-se ao pequeno sofá, onde permaneceu um tempo, imóvel.

Subitamente levantou-se e começou a examinar o apartamento. A sala abria-se para a cozinha e para os quartos, estes do lado direito. Movendo-se nesta direção, entrou no corredor que dava acesso aos cômodos. O primeiro era um quarto pequeno mobiliado com um sofá-cama e um armário, nada mais do que um dormitório para eventual hóspede. Retornou ao corredor. Em seguida, um banheiro social. No lado oposto, uma suíte e, depois, mais um cômodo.

A suíte era de uma simplicidade austera: ao lado de uma cama de viúva, uma mesinha de cabeceira, um armário e um tapete. A única luminária vinha do teto; a disposição da cama, perpendicular à janela, deixava à sombra uma parte graças à meia parede. Nenhum quadro afixado. Na mesinha, ao lado de dois brincos, uma fotografia inserida no suporte de encaixe mostrava uma família abraçada, sorridente. Percebeu-se ali, pequena, mas não quis contemplar. Virou-se para um cabideiro inserido num pequeno *closet* onde se encontravam roupas suficientes para trocar e mandar lavar (o corte, contudo, era muito bonito) e três pares de sapato. Entrou no banheiro, ladrilhado em branco, no qual se destacava apenas um gabinete para pia e acima um armário com espelho emoldurado. Contemplou a si mesma, uma mulher de quarenta anos exausta após uma longa viagem. Abriu o armário, para encontrar apenas um batom ao lado dos objetos de higiene

bucal. A vida da irmã foi se desenrolando sem intimidade, voltada para fora de si, para o mundo, até o fim?

Ao abrir a porta do último quarto, uma iluminação indireta, projetada da sanca aberta, foi acionada. Vislumbrou uma enorme biblioteca. Porém arrependeu-se de ter avançado muito no cômodo, pois a porta, aparentemente movida por uma mola, fechou-se automaticamente atrás de si. Sem um trinco para abri-la novamente. Certamente devia existir, nalgum recanto, um mecanismo de saída. Suspirou, dando-se conta de que estava terrivelmente exausta. Esquadrinhou rapidamente o espaço. Parecia maior do que o apartamento todo. O pé direito estava tomado por estantes de madeira, o topo das quais era acessível por escadas postas em trilhos de correr. Examinou os livros. Ali na entrada estavam coleções de obras sobre arte, pintura, música, uns poucos romances de renome em língua nacional e estrangeira, aqui um dicionário técnico, acolá (*que engraçado!*) um manual do filatelista amador. Passou os dedos pela lombada o livro sobre arquitetura colonial tardia. Presenteara à irmã, quando, há muito tempo atrás, sonhara montar um escritório para planejar a construção de casas amplas e sólidas, de pé direito elevado, orientadas para a luz e o vento predominante de cada região.

As estantes ocupavam todo lado esquerdo do cômodo. À direita, uma grande escrivaninha de mogno envernizada numa cor escura e uma cadeira de espaldar alto; mais além, numa área sem iluminação, divisou, pela porta semi-aberta, um lavatório. Na mesa, ao lado de vários papéis, livros, canetas, um computador e periféricos, um copo vazio e um pacote de biscoitos salgados, ainda lacrado. Nem se deu ao trabalho de verificar o prazo de validade, rasgou-o e devorou o seu conteúdo. Depois, dirigiu-se ao lavatório para servir-se de água da torneira. Estava completamente ressequida. Serviu-se novamente. Uma lassidão começou a apoderar-se dela. Recompôs-se: abriu a torneira de novo, recolheu água nas mãos e a fez escorrer pela cabeça.

Enquanto circulava pela biblioteca entreteve-se a esfregar uma toalha nos cabelos úmidos. Notou que não havia telefone e tampouco conexão de fio em canto algum do cômodo. Na sala, onde, aliás, deixara a bolsa e a pequena maleta que trouxera

do sul, havia um aparelho móvel. Não será necessário, ponderou. Deu-se conta de estar a conhecer a irmã pela primeira vez, não a de sua infância e adolescência, e sim a mulher que saíra de casa ainda jovem, acabara de completar 23 anos, para estudar na "cidade grande" e conhecer o mundo, *verdadeiramente* como ela dizia soletrando a palavra enquanto franzia as sobrancelhas e sorria. Quer dizer, descobrir por ela própria, e mais ninguém. Exultante com a autonomia recém-conquistada, não parecia ter se dado conta da tristeza da família quando dela se despediu, no tumulto da rodoviária, acenando para a mãe e as duas irmãs do ônibus em movimento.

Olhou o relógio de pulso: marcava vinte e uma horas, trinta e cinco minutos. O tempo passara sem perceber. Estava precisando dormir, a viagem tinha sido longa, monótona e interrompida pelas paradas do ônibus, quando era despertada pela luz ofuscante acionada pelo motorista.

Enquanto se lembrava do desgosto experimentado na viagem desde o sul, o olhar flutuava de um ponto a outro do cômodo. Havia outro espaço, uma continuação da biblioteca, cujo acesso se fazia por meio de uma escada-caracol. Nos últimos degraus avistou uma clarabóia no teto rebaixado. Dali certamente se avistaria o oceano e seria possível observar, suspendendo a janela de vidro canelado, as alterações do clima. Amanhã, vou tentar levantar a vidraça. Finalmente avistou a cama *futon*, vermelha, com uma mesinha de cabeceira do lado (sobre a qual estava um livro intitulado simplesmente *K.*) e uma luminária de pé, de cor amarela; tudo simples. *Ah uma cama macia*, disse ao deitar-se e imediatamente mergulhou num sono profundo.

Os passageiros desgarrados do ônibus precipitam-se, em desabalada corrida, rumo a uma viela ao lado de enorme edifício. Entre gritos, empurrões, urros, a multidão aperta-se em desespero para alcançar a parte mais elevada do morro. No meio da turba destaca-se uma mulher jovem, de tez pálida, vestindo roupa escura. Parece intocada, pois retarda o passo sem ser incomodada. Subitamente a edificação está diante dela.

Como sempre, a fila começa na entrada do prédio do centro acadêmico e continua até o andar onde funciona o bandejão; os

estudantes esbarram uns nos outros, em direções opostas, alguns segurando a bandeja na mão, outros a carteira para pagar o almoço. Ela orienta-se por cima das cabeças da aglomeração, em busca da figura da amiga que costuma chegar mais cedo e sentar-se à janela, “marcando” um lugar para ela. Desta vez, porém, não está. Um copo na mesa, vazio. Percebe migalhas de pão ao lado de um guardanapo de papel, amassado. Sente-se desamparada. Ela se fora, sem deixar aviso? De repente, vozes distantes e uma próxima. Estranhamente alguém bate do outro lado de uma porta fechada, chama pelo nome dela. Descobre que não tem trinco, abre apenas do lado de fora. Adotando o zelo de aprendiz, atravessa um labirinto de cadeiras e mesas vazias, não há mais ninguém, talvez tenha chegado a hora dos ratos se alimentarem das sobras, o salão vai escurecendo, ela corre em direção ao fundo que termina em ângulo fechado no teto e tem uma saída apenas para um animal pequeno e cego. No ar frio que invade os brônquios, caminha tropeçadamente, tal qual um espantalho. O cérebro luta com o corpo embrutecido. Na praça, areia branca circunda árvores descabeladas: a cidade ressona seus terrores e os comunica a ela na esquina. O tempo passa. (Onde está aquela estrela?) No morro, um cruzeiro. O vento desce da ladeira trazendo as coisas findas, desfeitas. Ela começa a afastar-se dali, os latidos dos cães a acompanhar o eco de seus passos.

Despertou com os raios do sol filtrando-se pela clarabóia sobre suas pálpebras. Fechou os olhos novamente para tentar guardar na lembrança as sombras da praça, o delineamento da rua, o vento nas costas e os latidos na lonjura. Mas quis levantar. Sentiu então a musculatura tensa pela posição encolhida em que permanecera no *futon*. A boca estava seca e o estômago vazio, mas a dor na alma tolhia as necessidades do corpo. Desceu do mezanino. O sonho parecia infiltrar-se nos seus pensamentos: lembrava especialmente da saída apenas para um animal pequeno e cego. No banheiro, lavou o rosto e molhou as pálpebras.

A biblioteca parecia ser uma organização especialmente construída – e talvez isso tivesse durado anos; de qualquer forma, não era apenas uma disposição de livros arrumados. Por onde começar? Foi até as estantes, identificando os títulos nas

lombadas. Percebeu, na altura de seu olhar, sem ordem de autor e obra, lado a lado: *Elogiemos os homens ilustres*, *A mina e o poço*, *Ironweed*. A Grande Depressão, carvão e algodão no Alabama, desempregados e alcóolatras em Albany, homens e mulheres comuns, eis o que soube a respeito desses livros na quarta capa de cada um. Entretanto, em *Campos de honra*, de um autor francês, a história de uma família durante a II Guerra Mundial fazia o tema transcorrer no outro lado do oceano, uma década depois. Passou para a prateleira acima. Separados por dois suportes de metal estavam: *O intervalo*, de Ferreira de Castro; *A estranha derrota*, de Marc Bloch; *Guerra em surdina*, de Boris Schnaiderman; *Éramos jovens na guerra*; *Eichmann em Jerusalém*, de Hannah Arendt. Tratava-se do ordenamento para um estudo? Uma coleção de obras de ficção e não ficção, para levantar e discutir questões controversas? Abriu um desses livros e começou a lê-lo, porém a fome que parecia adormecida voltou a espicaçar. A memória das frases se perdia e embaralhava a narrativa. Será que acharia algo no armário próximo do banheiro? Sim, encontrou barras de cereais e frutas secas. Mastigando um punhado de frutas secas, sentou-se à mesa diante do computador. Ali estava certamente a memória da biblioteca.

Não havia um diretório com o nome dela, e sim vários apensos no "C". O subdiretório <Arte e política> continha um arquivo intitulado "Fio condutor". Abriu-o para ler:

Interessante ter encontrado aos poucos, nesta e naquela livraria ou sebo, em diferentes momentos, sem intenção de busca, livros que parecem dialogar entre si, cujos autores debatem um único problema, o da vida social opressiva, individual e coletiva, sob o ponto de vista das pessoas comuns.

E assim iniciamos o novo século numa dialética negativa. Teria razão Milan Kundera ao dizer (Um Encontro) que nada mais restava do que lidar com a evidência de sermos carne num matadouro, como o artista plástico Bacon nos apresenta?

Perguntou-se onde estariam os tópicos intermediários sugeridos pela redação dos dois parágrafos. Ao invés de pesquisar uma centena de diretórios e milhares de arquivos, levantou-se para procurar o livro citado numa das estantes. Gastou um ou dois minutos para encontrá-lo. Abriu no capítulo dedicado a Bacon.

Enquanto lia, veio à sua mente a idéia do Big Brother, esse matadouro virtual, no qual sobrevive apenas um dos concorrentes, uma luta dependente do valor neles apostado pela audiência do programa. O *reality show* não seria uma espécie de mercado de carnes jovens, frescas, dispostas a tudo, inclusive a fazer pequenas concessões à moral dominante para garantir a audiência? Tudo isso enquanto a violência social dominava as favelas nas cidades grandes, sob o cerco alternado dos traficantes, das milícias e dos policiais, da qual a série Tropa de Elite era um atestado artístico.

Folheou outras partes do ensaio. Deteve-se no capítulo "O que restará de você, Bertolt?" simplesmente devido à curiosidade provocada pelo título. Nele, o ensaísta apontava a falta de relevância das obras ditas "clássicas" face às perversidades, à baixa moral, às dissimulações e mentiras atribuídas aos autores, essas "idiosincrasias pessoais" descobertas pelos biógrafos, os novos escritores de *best-sellers*, numa verdadeira escavação da sua intimidade. "Na época dos procuradores, o que isso quer dizer, a vida?" – perguntava Kundera.

Retornou à mesa e clicou novamente no arquivo aberto. O escrito concluía assim:

Entretanto, apegamo-nos aos valores formativos tanto quanto ao sangue que corre em nossas veias [ver a correspondência dos jovens durante a primeira grande guerra, desenvolver e discutir com Cosme].

Então havia Cosme. Talvez tivesse mantido com ele uma troca de mensagens por correio eletrônico.

Descobrir a senha de acesso ao webmail implicou a óbvia eliminação das datas e nomes familiares, cidades ou profissão capazes de identificá-la. <Diversos> ou <Meus documentos> eram diretórios óbvios demais. Tentou <Literatura feminista> onde estavam dispostos quase quarenta arquivos, muitos dos quais sem títulos específicos, apenas uma numeração ou o nome de um autor, etc. Um documento sem título (doc1) fazia referência à importância da participação feminina nas artes, principalmente na literatura, após a II Guerra Mundial:

...o que mostrava a superação do patriarcalismo mais raso no Ocidente, quer dizer, a conquista da igualdade do ponto de vista jurídico, afinal a maioria das mulheres ingressara no mercado de trabalho no momento em que os homens se trucidavam nos campos de batalha. Mas há um ativismo feminino, a aproveitar as novas circunstâncias na década de 1960. A literatura é um dos campos de luta. A novidade é a presença na ficção científica. Destacar, em primeiro plano o nome de Ursula K. Le Guin (A mão esquerda da escuridão, Os despossuídos: uma utopia ambígua). [Nota: Procurar a série televisiva Vanishing Point, uma adaptação dessa última obra exibida pela Canadian Broadcasting Corporation entre 1984 e 1991.]

Haveria aí a sugestão de uma palavra-chave? Tentou utopia, senha inválida; insurgente, insurgência, crítica, revolução, idem. Voltou a abrir e fechar arquivos. Em <Pesquisa> encontrou um estudo em fase de elaboração para a disciplina de Economia internacional denominado "Economia e sociedade durante a República de Weimer (Título provisório)". Ah, aqui pode estar a chave. No webmail digitou "Rote Fahne". Nada. Ou o nome do famoso jornal e a data de 1919 separada por *underline*? Sim, esta era a senha: sob o signo da Bandeira Vermelha em seu ano inaugural o serviço de correio eletrônico abriu, mostrando novas mensagens que a irmã jamais leria. Ignorando estas, localizou a última data de leitura e envio de respostas.

A correspondência se estendia de 2009 a 2011. A partir do e-mail de Cosme selecionou as mensagens trocadas entre os dois.

A primeira mensagem de Cosme apresentava um convite; mencionava o longo tempo decorrido desde o fim da militância comum e do último encontro entre eles. Vera respondeu entusiasmada, numa mensagem curta.

de: Cosme@webmail.com.br>

Para:<Vera@webmail.com.br>

data: 10 de junho de 2009 10:20

assunto: um convite para comemorar

enviado por: webmail.com.br

Vera: envio esta mensagem na esperança de encontrá-la bem de saúde, depois de tantos anos sem nos avistarmos e tampouco mantermos algum tipo de contato. Nós nos perdemos de vista desde os idos de 1989 e da profunda virada à direita que se seguiu à derrota.

Pois bem, parece que esse longo período começa a terminar. O sinal está na crise atual e nos efeitos que irá acarretar num futuro não muito distante.

Nosso tempo de vida pode ser (infelizmente) mais breve – afinal somos todos da geração dos 60' ou 70' - para assistirmos a essas mudanças! Contudo, ainda estamos presentes e podemos demonstrar nosso próprio valor. Nesse intuito que estou entrando em contato com alguns antigos companheiros para acertar um encontro.

Um abraço,

Cosme

de: <Vera@webmail.com.br>

Para: <Cosme@webmail.com.br>

data: 15 de junho de 2009

assunto: um convite para comemorar

enviado por: webmail.com.br

Cosme: não sei se posso afirmar estar bem de saúde, pois meu coração emite sinais de que algo está fora da normalidade. Mas a gente vai levando a vida. De qualquer modo, receber a tua mensagem causou-me uma alegria imensa!

Estou de acordo, em linhas gerais, com a tua análise. Podes considerar a minha participação no projeto.

Na expectativa de que possamos nos rever em breve,

Tua amiga de sempre,

Vera

Em 10 de junho de 2009 10:20, Cosme<Cosme@webmail.com.br>escreveu:

...

A segunda mensagem dele agradecia o aceite do convite; mencionava o longo tempo decorrido e referia-se à decepção de alguns em relação ao partido que acreditavam ter se tornado uma esquerda para o capital. Concordando com a caracterização do partido, outros acreditavam ser essa uma tendência em curso a partir dos anos 1990, dado a limitação do programa, a ideologia democratista dominante e o

pragmatismo de sua liderança. Tanto uns como os outros consideravam o contexto da crise do partido um momento histórico importante para o reencontro dos antigos companheiros.

Na resposta, Vera lembrava que retornara ao país somente no meio daquela década, pois precisara concluir o curso de doutorado iniciado no país onde estivera asilada; perguntava por que o grupo havia dissolvido sua Organização e aceitara integrar-se naquele partido, cada um como simples militante. Desde então...

É verdade, temos uma nova conjuntura se delineando e, ao mesmo tempo, a proximidade da data para comemorar a fundação da Organização. Mas exatamente o que? Deixamos algum legado?

Ao ler essa mensagem, Berta ponderou, como se estivesse a conversar com a irmã: em contrapartida, recuamos e nos dispersamos. Com o tempo, nos afastamos um dos outros. Cada um tomou seu rumo, alguns a sós. Tudo parecia caminhar para o esquecimento de nosso passado e do que consideramos nosso legado na difusa tradição da esquerda e do movimento operário desse país aparentemente sem memória. Tanto mais depois de quase uma década pautada por um governo que não passou de uma *esquerda para o capital*. Quer dizer, de assistir à repartição das migalhas do bolo produzido pelos trabalhadores em troca da paz social e de sua desorganização enquanto classe no nível mais elementar, o sindical. É incrível pensar que as coisas se passaram assim; contudo é um fato histórico (profundamente dramático) ter se constituído uma esquerda para o capital nesse país controlado por classes dominantes tanto brutais como escrotas...

A pergunta sobre o legado é muito importante, afirmava Cosme na mensagem seguinte. Houve quem a fizesse. Lembras-te de Vicente? Ou de Darci, outro nome que passou a utilizar depois das quedas do Setor Interno, em 1971, para confundir a repressão? Pois bem, ele se propôs a questão do legado, muitos anos depois, no final de sua breve, porém venturosa vida, num ensaio com o estranho título de "Frágua inovadora". Poderia ter usado a expressão sinônima de "forja", mas literariamente não cairia tão bem, certo? Apesar dos tempos da reação nos quais passamos a viver após a década de 1980, nos quais se

decretou a morte das utopias – escreveu ele nesse ensaio dedicado a resgatar um suposto tempo perdido – “as realizações do passado resistem em sua integridade de fatos consumados, retêm suas próprias luzes.” Todo o esforço teórico em elaborar um método de análise da realidade brasileira, um ideário articulado num programa e uma estratégia de luta pela organização independente do proletariado, nada disso se perdeu. Trata-se, quando pensamos a vinculação social das idéias, de um legado difuso, não consciente na medida em que aspectos da teoria foram incorporados às práticas das chamadas oposições sindicais na fase final e subsequente à ditadura militar.

De acordo, Cosme. Sabemos de longa data (quem disse isso foram os velhos barbudos quando jovens): a teoria se torna uma força material quando se apodera das massas, mas para isso as idéias precisam corresponder às necessidades do movimento social. Não basta que o pensamento leve à realização, a própria realidade deve levar ao pensamento. De qual realidade estamos a falar? As greves operárias, em Osasco e em Contagem no ano de 1968, foram limitadas, frágeis, isoladas. O nível mais alto alcançado na história anterior ainda era o trabalhismo, porém aquele radicalizado nos anos 1963-64 e que tendia a desprender-se da tutela governamental. Os trabalhadores aderiram ao programa defendido pelo governo Goulart (as chamadas reformas de base); porém as camadas mais avançadas das classes trabalhadoras pretendiam implantá-las de seu modo, com seus métodos. Para afastá-las de um possível rumo socialista levantava-se a retumbante voz de Brizola (“na lei ou na marra”) irradiada na rádio Mayrink Veiga. Esse processo, essas lutas, porém, era desconhecido dos militantes surgidos depois do golpe. Todo passado era reduzido ao termo “populismo” dentro do qual aparecia, de modo oportunista, o reformismo comunista. De fato, concordou Cosme: o golpe interrompera esse processo abruptamente e, assim, também a organização da memória do passado recente. A ditadura militar impôs a urgência da luta de massa sob as condições de clandestinidade, num aprendizado difícil, pois não se tinha clareza da profundidade da derrota do movimento operário. A greve operária de Osasco em 1968 suscitou nos jornais da esquerda a palavra de ordem da greve geral, uma posição totalmente voluntarista, fora da realidade, pois os

operários da capital e do ABC não se manifestaram em solidariedade à paralisação liderada pela Cobrasma. Não havia *movimento* operário naquele ano, esta a verdade. Em compensação, havia o radicalismo estudantil. Dava de sobra para todas as organizações de esquerda revolucionárias. Não era, certamente, o público interessado em tirar as consequências práticas do caráter socialista da revolução, em termos de classe.

Berta interrompeu a leitura da correspondência ao lembrar-se de sua militância desde que abandonara a graduação na Arquitetura. Na linguagem da esquerda da época, optara por integrar-se na produção. Na célula da qual fez parte, o assistente e as companheiras falavam da situação profundamente adversa em que viviam os operários, da exploração, e também da impossibilidade da educação política. Num dos documentos produzidos na época alguém perguntou e isso foi registrado mais ou menos assim, em 1971: “como mover a massa se ela não sabe nem o que é sindicato, ou campanha salarial”. Essa “massa”, homens e mulheres vindos dos estados do Nordeste, de Minas, de tudo quanto era rincão desse país, para o ABC, tinha a expectativa de ganhar um salário melhor porque o país “estava crescendo”. A crença que o Brasil ia Pra Frente era disseminada. Daí a importância de conversar durante a jornada de trabalho (nos poucos momentos em que isso era possível) e fora do trabalho, de criar amizade, participar de time de futebol, conversar sobre qualquer coisa da vida cotidiana, a dificuldade de criar os filhos, o serviço médico e, obviamente ...o salário baixo.

O primeiro emprego dela foi numa pequena metalúrgica, uma estamperia de metais para utensílios domésticos, na condição de auxiliar de almoxarifado. Parecia ser melhor do que a linha de montagem, quer dizer, menos cansativo; contudo era necessária uma atenção constante para o nível do estoque indispensável à linha. Um dia o chefe do setor escalou-a para a expedição, pois o encarregado tivera de faltar por causa do súbito adoecimento da esposa. Tremeu quando soube, continuou a tremer durante o dia, enquanto estava na “boca”. Tudo o que parecia estar sob controle – o material sendo entregue de uma maneira mais ou menos sincronizada, de acordo com os pedidos vindos da frente de trabalho – se

desorganizou na múltipla gritaria dos demandantes; parecia até a "linha" tinha entrado no almoxarifado e derrubado estantes, paredes. Aí, aos poucos, no decorrer do suadouro desse dia caótico e que apenas um banho à noite desgarrou dela, foi conhecendo os operários que "alimentavam" a linha. Todos eram chamados de "cabeça-chata", gente bruta, vinda do interior, calada e irascível. (Certamente por serem humilhados, pensava.) Na fábrica era comum o desprezo pelo operário sem profissão e, pior ainda aqueles sem experiência; alvo de gozação e desprezo dos chefes, dos operários mais qualificados e mesmo entre os demais, até os sem qualificação que estavam adaptados à condição operária.

Foi-se dando conta da admissão dela ter acontecido num momento de pique de produção, o Brasil começava a ser Grande, era hora extra o tempo todo, o valor que a empresa registrava no holerite subia, era a compensação para tanta violência. Nos primeiros três meses ela se preocupava apenas em comer e dormir, a fadiga era constante. Na medida em que o local de trabalho era longe do quarto onde morava, além do dinheiro gasto a mais, tinha de madrugar para chegar no horário. Dormir mesmo, um sono bom, profundo, era no final de semana.

Às vezes não se perguntava como transformar a situação na fábrica em motivo de luta, mas se os operários achavam se isso valia a pena. Se não estavam ali apenas para esquentar a carteira, de modo a ir para uma empresa maior, fazer um curso no SENAI, daí se classificar para conseguir um salário melhor... Naquela época, era cada um por si - a "aglomerada solidão" cantada nos versos do poeta iraraense - multidão que entrava e saía dos ônibus, dos trens, sendo jogada para lá e para cá no percurso do trabalho para casa, e vice-versa, na escuridão da manhã e da noite. Um tempo de alta pressão.

Atravessando a leitura das linhas da correspondência com o pensamento de segundo plano, Berta também fazia a pergunta de quando isso começara a acabar. De que modo a realidade vigente havia se rompido e o movimento "de baixo" da sociedade fora retomado? Havia muita coisa envolvida para ser explicada, mas um fato aparentemente fortuito desempenhou o papel da faísca no capim seco da situação de arrocho salarial a

que estava submetida a classe trabalhadora: o verdadeiro roubo governamental no cálculo do índice da inflação adotado para o reajuste dos salários, uma informação vazada do Banco Mundial para um jornal da burguesia. O governo da ditadura não quis reconhecer o roubo e essa posição acabou por estabelecer um ponto de convergência ao reunir a massa até então dispersa contra si e favorecer sua mobilização; transformou-se em campanha pela reposição salarial dos 34,1% com início na montadora Volkswagen, no final de 1977, no ABC; a partir daí a pressão subiu até finalmente estourar na onda de paralisações massivas, no ano seguinte, quase um maremoto a se esparramar país adentro. Tinha muita indignação contida, represada; praticamente, nenhuma experiência coletiva. Como sempre, aprendeu-se a caminhar caminhando.

Porém a própria liderança oriunda das comissões nos locais de trabalho foi superada pelos dirigentes sindicais que rapidamente se colocaram à frente do movimento, assumindo a sua radicalização. Constituíam a parte organizada da "companheirada". Além de falar a linguagem dos peões, alguém tinha representá-los frente aos patrões, melhor fossem eles e não a pelegada do passado recente. Tudo isso não era percebido pelos militantes das esquerdas. Foram surpreendidos, literalmente submergiram nessa onda. Talvez a falta de experiência, quem sabe também uma coisa do fascínio estudantil porque os operários haviam erguido a cabeça e agido por conta própria. Nada disso valia alguma coisa, pois se tratava de uma admiração recusada pelo outro lado. A bem da verdade chegava a ser uma antipatia dos sindicalistas, cuja razão de ser era o "entrismo" da esquerda na organização das comunidades eclesiais de base nos bairros proletários durante a ditadura. A questão era equacionada pelos sindicalistas nos seguintes termos: "nós" somos o sindicato; "eles" são militantes políticos. Escamoteava-se a diferença, no sindicato, entre direção e base.

No fundo, dizia Vera, os que organizaram o partido continuaram a ser pequeno-burgueses. Estabeleceram nos anos de 1980 um acordo, uma divisão de trabalho: "a gente fica com a política, vocês com o sindicato". Tudo mudou após a eleição presidencial de 1989. Apesar da derrota, uma candidatura de origem

operária mostrava a emergência de um polo de esquerda na sociedade.

Como acontece em conversas livres de preocupações práticas, também naquela correspondência o pensamento voava em muitas direções. Uma mensagem de Cosme continha a transcrição de um trecho da polêmica de Rosa contra Bernstein que começava assim:

“Ter-se-ia procedido mal ao pensar a história das empresas médias como uma linha reta descendente que iria do declínio progressivo à desapareção total. A evolução real é, contudo, dialética: oscila constantemente entre as contradições.”

Seguia-se o comentário de que Bernstein questionava a tendência à concentração do capital contrapondo-a a “falange inumerável” das empresas médias; desde modo, pretendia demolir a base material da influência revolucionária desempenhada pela grande empresa capitalista e, portanto, a demonstrar a infinita capacidade de adaptação do capitalismo.

Vera acentuou, na polêmica, a importância política da “empresa média” expulsa da concorrência mundial pelo crescimento contínuo da escala da produção e pelo controle monopólico do mercado, assentada inclusive naquela escala, capaz de reduzir preços até o ponto de levar o adversário à bancarrota. Por isso mesmo suscitava por todo lado um profundo ódio ao capital monopolista. Cosme ressaltou outra passagem do mesmo trecho da obra de Rosa: “os pequenos capitais acompanham necessariamente o desenvolvimento do capitalismo, porque fazem parte integrante dele e apenas com ele desaparecerão”. Verdade é que essa pequena burguesia, nacionalista por vocação uma vez que precisa da proteção do Estado nacional (coisa que ela, campeã da livre-iniciativa jamais admitirá), pode tornar-se também o fantasma da contra-revolução. Pois é, comentou ela, o anticapitalismo primário dessa classe é uma das raízes do fascismo. E depois, uma pergunta: não seria adequado denominarmos a época em que vivemos de Tação de Ferro?

O debate entre os dois missivistas sobre a posição política da pequena burguesia democrática nos anos 1964-1968 em países como o Brasil (importante advertir esse contexto! – registrou Cosme) fazia referência às bases reais em que se assentava tal posição, pois (estavam de acordo quanto a isso) exprimia uma contradição

existente. Politicamente, essa classe assumia uma posição de destaque no cenário nacional: era quem, sobretudo por meio dos estudantes, assumia a crítica ao imperialismo (sem nunca usar esta palavra) por conta da desnacionalização provocada pela política econômica da ditadura. Ao assumir a luta em defesa da empresa nacional, a pequena burguesia separava o anti-imperialismo do capitalismo, transformando a contradição secundária em principal. Essa crítica não passava, contudo, de uma espécie de biombo para esconder seus próprios interesses, a ameaça aos seus pequenos negócios representada pelas altas taxas de juro, lembrava Cosme. Tinha igualmente a ver com os interesses da grande burguesia, estava a falar em nome de setores ameaçados e mesmo postos a pique pela ditadura. De fato tinha gente grande na corda do ringue. O caso escandaloso da falência da Panair do Brasil e a “guerra do café solúvel” sob o comando do empresário e deputado de direita Herbert Levy tornaram-se conhecidos. Outro caso famoso foi o de Fernando Gasparian, empresário do ramo editorial e gráfico, proprietário da Paz e Terra, da revista Argumento, nacionalista, abertamente contrário à ditadura militar.

E aí, do ponto de vista internacional, arrematou Cosme, teve a influência de Cuba, uma revolução antiimperialista vitoriosa. Claro, o radicalismo sempre teve pressa: a nossa esquerda armada não perguntava sobre o processo revolucionário ocorrido na ilha, desconhecia a importância da greve geral dos trabalhadores na vitória dos guerrilheiros de Sierra Maestra e ainda mais o processo interno que levou à opção pelo socialismo. O que de fato importava era por em evidência que o anão ilhéu havia enfrentado o gigante continental, derrotando-o na Baía dos Porcos.

Manifestando seu acordo, Vera perguntava: ao apoiar, principalmente depois do AI-5, o treinamento das organizações brasileiras da esquerda armada, o governo cubano não estava a seguir o mesmo caminho da URSS, na época do cerco imperialista? Isto é, tentando sair do isolamento por meio da OLAS, a “sua” internacional?

Noutra mensagem, Cosme “mudou o rumo da prosa”, quis saber o que ela tinha feito desde o retorno do exílio. A

resposta foi uma mensagem equivalente a uma carta de três páginas.

Por escolher uma profissionalização qualificada em nível de doutorado demorou mais tempo no exterior. Entretanto, do outro lado do vasto mar, aqui nesta *terra brasilis*, a ditadura fora, por assim dizer, “desmobilizada”, tal como se desfaz um acampamento; uma ocupação que parecia eterna (o tempo de uma geração nascer e tornar-se adulta) desaparecera, passada a hora dos ruminantes; não sem a advertência de que a ordem tinha de ser mantida. Assim foi: os novos guardiões civis assumiram a hipoteca do futuro em nome do passado.

Voltou num dia qualquer de inverno. Tempos depois de sobreviver com muita dificuldade à custa de traduções e aulas de língua estrangeira, foi aprovada em concurso público universitário. O ingresso na universidade gerou nela certa expectativa. Mas as primeiras tentativas de diálogo crítico logo esbarraram na pauta da excelência acadêmica e na disputa por se destacar na formação dos quadros técnicos para os governos e as instituições multilaterais. O pior ainda estava por vir. Nos governos da esquerda para o capital signatários da Carta, uma espécie de desenvolvimentismo cheio de pompa, nenhuma circunstância bloqueou a crítica. Conheceu, daí em diante, a solidão.

O acesso a alunos acontecia apenas uma vez por semana, quando da oferta da disciplina para a qual fora destinada. Com os professores apenas breves encontros no bar, para um café, ou nos corredores, bom dia, boa tarde. A sua voz quase deixara de ser ouvida, pois as considerações dela sobre os fatos do presente não projetavam nenhum futuro imediato, quer dizer, plausível nos quadros da sociedade vigente; em decorrência, a própria linguagem tornara-se ininteligível nos termos dos códigos correntes. Os convites para bancas e pareceres cessaram no decurso de um semestre. As redes sociais subjacentes aos periódicos garantiam a produtividade dos pares; aos ímpares (estava a falar de si) valia a lei, isto é, a recusa dos textos enviados para publicação, a merecer o lacônico e irrecorrível parecer: não faz parte do escopo da revista. Ou seja, você não participa do que queremos atingir. Os alunos, por sua vez, não tinham capacidade de entendê-la:

aqueles nas primeiras fileiras contemplavam-na, aturdidos, às vezes rabiscando palavras em folhas soltas; os demais, envolvidos em seus *iphones* e *tablets*, “não estavam em sala”.

Era uma condenação sem julgamento: indiferença para com ela e, em seguida, irrelevância percebida por ela. O processo poderia ser caracterizado da seguinte forma: o condenado sente-se inicialmente um pária entre os seus, como quem usa uma roupa fora de moda; outro dia, troca o par da meia, expondo-se ao ridículo; depois, ele mesmo se oculta, quer ser esquecido, transforma-se em mera sombra de si projetada em momento anterior. Finalmente deixa de existir para os outros, porque a entrada e saída de turmas, as férias e os pós-doutorados, o ingresso de novos docentes e as aposentadorias, tudo leva às exigências do tempo dedicado e às prioridades, quer dizer, memória de uns e esquecimento de outros. Lembra-se dos versos daquela música? Você fica confortavelmente entorpecido: você deixa de sentir dor, está lentamente desaparecendo no horizonte como a fumaça de um navio.

Contudo, advertia ela para Cosme, é uma ilusão perigosa tentar passar-se despercebido. O processo de relevância e seu oposto, a redução do “nível”, tem seus registros e modos de funcionamento visíveis: o cadastramento, a atualização do perfil, a demonstração da produtividade. Em decorrência, um professor ou professora torna-se uma sombra porque deixou de participar dos mesmos rituais, de ter identidade burocrática no mesmo nível; não é eliminado: sofre uma queda, o deslocamento para uma instância inferior. Da mesma forma que a instituição eclesial, ou seu sucedâneo profano, a militar, onde o alto clero jamais entra em contato com o baixo clero, pois se movimentam em espaços distintos, incomunicáveis, o quadro superior na instituição universitária participa da pós-graduação organizada em torno dos temas propostos pela agenda governamental, da qual compartilham em diversas câmaras e por muitos editais-escaninhos de recursos para investigações, bolsas e viagens ao exterior. O “baixo clero” vegeta na graduação, sobrecarregado por horas-aulas dedicadas à maioria de alunos exclusivamente aspirantes aos diplomas (afinal precisavam profissionalizar-se, aprender algo útil para disputar uma vaga no mercado de trabalho). A dominação do “alto clero” está definida curricularmente na

excelência dos métodos quantitativos, da matemática aplicada (na qual o “caos determinístico” das bolsas de valores e, mais tarde, o “mercado de futuros”, está sempre em evidência), da microeconomia e da macroeconomia. Restava para ela uma área de conhecimento sem utilidade prática, necessária para explicar, *en passant*, as transformações pelas quais o mundo atravessa, a história econômica geral. Disciplina, aliás, na qual Vera recebia alunos que tinham pressa em cumprir esse crédito obrigatório já no final de sua graduação.

Sobreviver era preciso, principalmente do ponto de vista da afetação ao objeto de estudo, uma vez que, para não se tornar uma péssima professora, gostar do que fazia era uma exigência dela própria. A irrelevância da crítica nesse ambiente amadureceu nela a idéia de lançar mão do recurso à arte; o cinema e a literatura poderiam abrir uma reflexão sobre os problemas fundamentais da existência social humana no final do século XX e início do XXI sem os compromissos de uma tomada de posição ou de prova de verdade. Gradativamente começou a organizar uma biblioteca e videoteca. Lançou a idéia para (os poucos) alunos que participavam de suas aulas. Foi assim que teve início o pequeno grupo (dois jovens e uma jovem) de estudo sobre imperialismo e divisão do movimento operário.

Ao relatar em que atividade acadêmica estava envolvida no momento, ela contou que a crise mundial desencadeada nos Estados Unidos provocara um súbito despertar de professores e alunos para a instabilidade do capitalismo. A disciplina de História Econômica, até então na mais completa obscuridade, foi convocada a trazer sua contribuição aos debates do centro de estudos recém-criado. Um dos pontos na discussão sobre a crise mundial em pauta era a desigualdade de sua expressão no cenário da União Européia. Quer dizer, tratar da Alemanha. A sua voz foi então ouvida novamente. Ela disse: não basta apontar o papel hegemônico desse país na divisão internacional do trabalho vigente no continente; é necessário debruçar-se sobre as relações entre as classes no interior daquele país. A partir desse momento, Vera considerou a possibilidade de abrir, na disciplina que coordenava, um parêntese “temporal” para explicar aos alunos as raízes do comportamento operário alemão de aceitar a permanência do emprego em troca do

aumento da exploração. Ou seja, teria de mostrar a gênese da social-democracia; para tanto, recuar aquém da situação estabelecida ao longo do processo de reconstrução econômica e realinhamento político após a II Guerra Mundial. Em outros termos, precisaria remexer o fundo do poço da História.

A ementa da aula: o nacional-socialismo, desde o ponto de vista econômico. Resolveu iniciar o estudo pelo fim, quer dizer, pelo desfecho militar. Mas nada de facilitar as coisas! Levou os alunos a examinar o sistema de campos de concentração ("lager") no leste europeu, principalmente na Polônia, verdadeiros sistemas fabris baseados no trabalho escravo. Dentre outros livros, lançou mão de "Os afogados e os sobreviventes" de Primo Levi. Leu o seguinte trecho, transcrito para Cosme:

"... a área de poder, quanto mais estreita, tanto mais precisa de auxiliares externos: o nazismo dos últimos anos não podia prescindir deles, resolvido como estava a manter sua ordem no interior da Europa subjugada e a alimentar as frentes de guerra debilitadas pela resistência militar crescente dos adversários. Era indispensável buscar nos países ocupados não só mão de obra mas também forças da ordem, delegados e administradores do poder alemão, então empenhado em outros lugares até o ponto de exaustão."

Apresentara a seguinte questão aos alunos: por que a Alemanha tinha iniciado a grande guerra e se jogado em várias frentes militares simultaneamente? Qual a racionalidade econômica desta estratégia? Essa pergunta era apenas uma forma de abordar de modo particular, na Alemanha, o problema de uma economia de guerra, quer dizer do planejamento no capitalismo naquela época de grande expansão do poder da morte sobre a vida, coletiva e individual. A síntese da modernidade burguesa na Alemanha naquela época era a Krupp AG que no passado recente tinha inventado um método para fundir canhões de aço e se tornara a controladora de armas do império alemão. Sob o tacão do nacional-socialismo toda economia se dirigira para a indústria pesada e a produção bélica, à frente da qual estava o herdeiro Gustav, na época dirigente da Associação Industrial do Reich. Economia altamente monopolizada, impulsionada pelo governo nazi mediante um enorme gasto público, crescera rapidamente e estabilizara o emprego, sem conseguir, contudo, grande eficiência; decorria daí ser uma economia que exigia, na ampliação do "espaço vital" à Alemanha, a guerra rápida, devastadora e total, a *Blietzkrieg*, para não comprometer os

escassos recursos na retaguarda. Vista do lado interno, esse gasto não gerava inflação porque havia um controle férreo sobre os salários. Mas apresentava outro problema: de que modo evitar os extremos do absenteísmo e do desinteresse ou a explosão da revolta contra o terror cotidiano? Qual a forma de garantir a “dessublimação” das energias populares sob controle repressivo?

O debate resultou assim: a perseguição aos judeus, acusados de responsáveis pela pilhagem, no comércio, das magras poupanças populares, dava-lhes o necessário bode expiatório; o consumo de álcool que terminava muitas vezes no estupro das esposas – isso distendia a musculatura retesada dos trabalhadores no regime de trabalho compulsório, ganhando um salário no limite da sobrevivência. Em resumo: eis algumas formas de lidar com violência quando a fome está em primeiro plano e o medo arraigado na vida cotidiana.

Após a derrota em Stalingrado, a Operação Valquíria; a lenta corrosão do nacional-socialismo na sequência da multiplicação das frentes de guerra, da exacerbação do uso da mão de obra escrava nos campos de trabalho e de extermínio, da destruição maciça das cidades, e da resistência das SS, numa celebração da violência e da morte, até o momento final da queda. Essa linha temporal catastrófica vivenciada pelo povo alemão estava anotada em indicações precisas na primeira parte da ementa da aula.

A seqüência seria interrompida, imaginou Berta, não por uma data final, mas, como sempre, por uma pergunta cáustica, pois essa era uma característica dela, essa dureza que não dava descanso para a emoção transbordar nos olhos: vocês acham que nos livramos disso? Sem dar tempo aos jovens para respirar, provavelmente retrucaria, maieuticamente, jocosa: claro que sim (pausa); apenas em parte (ponto). O corpo dela mover-se-ia devagar, num semicírculo – tempo para que os alunos também calculassem a distância entre pensamento e realidade – para finalmente perguntar a uma aluna: Amanda, você acredita nisso?

Talvez fosse o sinal do intervalo na aula. Após o que a seqüência do tempo anotada na segunda parte da ementa era desenvolvida, desta vez espiralada para trás, na direção do

passado, aos fundamentos históricos da catástrofe: antes da vitória do Nacional-Socialismo, a divisão entre social-democratas e comunistas, o estalinismo e a impossibilidade da frente única operária, a Grande Depressão; antes dessa fase, a República de Weimar; e finalmente, antes de tudo isso, a tentativa revolucionária e a derrota da Bandeira Vermelha, em janeiro de 1919. O futuro anterior, pretérito – escreveu para Cosme – foi proposto tempos depois na pergunta formulada por Thomas Mann a Eugen Fischer-Baling, a propósito da vitória do nazismo, escrita em 1933: *Estaríamos nós onde estamos hoje se a revolução tivesse se imposto com mais fé em si mesma?*

Berta afastou-se da mesa e cerrou os olhos. Tempo, dizia uma voz soprada nos seus ouvidos: somente nós temos história e, portanto tempo, todos os demais seres têm duração, nós inclusive, claro. Mas a história recente aparentemente perdeu o sentido, como a água de um rio que se turva a partir de certo ponto. Mesmo assim temos de prosseguir; não estaremos perdidos se não tivermos desaprendido a aprender.

Estava a ouvir em sua mente os ecos quase inaudíveis do passado, dos companheiros de lutas e de idéias, de uma época inteira ou estava a dialogar com a irmã em pensamento? Quem sabe ambas as coisas? Reaproximou-se da tela do computador para retomar a leitura. Para sua decepção, a correspondência acabara. Procurou, passou várias mensagens trocadas com pessoas diferentes. Finalmente, localizou o convite para o encontro dos *compagni*. Berta constatou ter sido a última mensagem endereçada à Vera, sem resposta.

Apesar da exaustão, a tristeza profunda passara; o reencontro da irmã dominava seu espírito. É hora da partida, pensou. Encerrou o webmail e desligou o computador. Tinha de encontrar o mecanismo que, semelhante ao da entrada, abrisse um segmento na parede. No fundo da sala, na área sem iluminação, distinguiu um quadro que não percebera ao usar o lavatório. Não era um quadro e sim um grande espelho. Aproximou-se: a saída teria de estar ali onde ela aparecia para si mesma com o olhar vívido. Deixou sua mente flutuar. Então levantou o espelho pela moldura: imediatamente a liberação do peso sobre um parafuso acionou o mecanismo de abertura da

porta enquanto a imagem da biblioteca esvanecia-se, lentamente, na escuridão.